

21.11.83

Federico (2 vers)

Mensagem

do Partido Democrático da Guiné
ao Simposio "Amílcar Cabral"

Camareada Primeiro Ministro Pedro Bires
Ilustres Delegados
Camareadas Militantes do PAIGC,
Camareadas

É com uma saudade militante
que o Partido Democrático da Guiné, Partido
Libertador do povo revolucionário da Guiné,
toma a palavra neste simposio consagrado
à Vida e à Obra imortais do Fundador
do PAIGC e grande Combatente pela
liberdade e a Dignidade dos Povos, para
prestar mais uma vez, uma homenagem
nobre à figura do africano patriota
e do eminente teórico e prático da Revolução
Africana que foi Amílcar Cabral.
Permitam-me, primeiramente, saudar
com respeito o bravo povo caboverdeano
irmão, as suas organizações de massa, os
seus dirigentes e particularmente o Camareada
Secretário Geral, o irmão Aristides Pereira
por se conseguir, no decorrer de um século,
a dar ~~uma~~ corpo e alma ao Testamento
político e moral de Amílcar Cabral.
Vieram a este memorial "Amílcar
Cabral" para vos fazer a saudade
fraternal do vosso povo, a Solidariedade
incondicional e a expressão pelo
vosso Partido-Estado, o P. D. G. e o seu

Secretário geral, o camarada Presidente Ahmed Sekou 'Tome'.

A breve e exaltante vida de Amílcar Cabral é, em efeito, singulamente fecunda de experiências. Ela constitui, para os militantes do P.D.G. um verdadeiro 'livro de história' de onde eles retiram, continuamente, exemplos ensinamentos de patriotismo, de coragem política e ideológica, de determinação e de inteligência nesta difícil mas nobre luta que permite ascender à liberdade e à verdadeira independência dos povos.

Há muitas coisas em comum entre os nossos dois povos e entre os nossos dois Partidos irmãos! Não é nossa intenção mencioná-las todas, senão obra fastidiosa e inútil! Tanto mais que, como disse o amigo, repetiu o camarada Ahmed Sekou 'Tome':

"O P.D.G. sente-se com deveres imensos livres perante a Guiné-Bissau e as ilhas de Cabo Verde e da sua Organização de luta."

Tudo do que temos a certeza absoluta, é que o nosso povo recordar-se-á durante muito tempo ainda, das palavras inflamadas de Amílcar Cabral, palavras cujo ritmo evoca o crepitar das metralhadoras e cada vocábulo impregnado de uma carga explosiva, impregnada de um eficiente de ódio contra o colonialismo e o imperialismo. Não é justo que o P.D.G. considere Cabral como um dos seus militantes de Honra? Tal como Ilundane, Zumbumba e N'Krumah? Quanto ao nosso povo, coloca-o — depois do sinistro 20 de janeiro de 1973 — no primeiro dos melhores moldes, dos heróis africanos construtores do futuro histórico da Pátria.

Africana.

Lembramo-nos que, depois de várias tentativas levadas a cabo pelos nacionalistas e reprimidas pelas autoridades coloniais, a 19 de Setembro de 1956, seis nacionalistas da Guiné-Bissau e das Ilhas de Cabo Verde, da qual faziam parte Amílcar Cabral, aliás Abel D'Assis e Aristides Pereira, aliás Alfred Bangoura, reuniam-se em Bissau para fundar o PAIGC.

Lembramo-nos dolorosamente da primeira repressão fascista no seguimento da evasão do Antão, o massacre do casis de Bidjiguiti, a 3 de Agosto de 1959: mas lembramo-nos também que este massacre levou o PAIGC a tomar novas disposições organizativas e a transferir o seu secretariado geral para o estrangeiro. A partir daí, Abel D'Assis, Alfred Bangoura e o PAIGC saem da clandestinidade para entrar na fase palpitante da luta popular armada. Para fazê-lo, Cabral e os seus primeiros colaboradores de armas, aplicaram-se a recrutar discretamente voluntários e a examinar com cuidado cada caso. Desde 1960, enviaram uma pequena esquadra de jovens homens e mulheres para um lugar seguro na República da Guiné, cujo exemplo e o engajamento revolucionários já aterrorizavam os infelizes coloniais europeus da África. Em Conakry, Amílcar Cabral é acolhido na família Turpin originária de Bissau, passando meses a tomar as refeições no bairro Alameda — hoje baptizado com o seu prestigioso nome — em casa da velha e brava Elara de Barros Turpin, e as longas noites de discussões e de conversas políticas e ideológicas no bairro Sanduvalia, no apartamento contíguo ao da falecida Hadja Mafoi Bangoura.

primeira Presidente das Mulheres do P. I. G. Nesta altura conheciam-no sómente por "engenheiro". Mais tarde, no lar dos combatentes do PAIGC, em Bongi, nos arredores de Louakry, Cabral começou a assumir ele mesmo, a formação de jovens voluntários e de constituir uma espécie de brigada da libertação que devia modificar a ordem das coisas na Guiné-Bissau e em Cabo Verde.

Durante dois longos anos, antes da passagem à luta armada — milhares de futuros quadros do PAIGC passarão pelo lar de Bongi, em Louakry, e, quando saíam, finalmente, ao silêncio a 23 de Janeiro de 1963, os "rebeldes" eram mais numerosos que em 1956 e, além disso, profundamente diferentes. Aliás, esta transformação qualitativa tinha mais importância para a causa do que o quantitativo em si! Desde aí, eles deixam de ser os "rebeldes" para se converterem em militantes em armas, co-heredários da história. Para nós, do PDI, Amílcar Cabral não pode morrer! A 31 de Janeiro de 1973 já a Direcção do PDI, de acordo com o Comité Central do PAIGC, organizou um Simposio onde 75 delegações estrangeiras, todos os movimentos de libertação africanos saudaram a obra imortal e o engajamento revolucionário do ~~PDI~~ Secretário geral do PAIGC, o Amílcar Cabral.

O povo da Guiné sabe muito bem a homenagem justa a este ilustre filho de África: mais de uma dezena de cidades do nosso país têm, actualmente, nos bairros e nas comunas de aldeia o seu prestigioso nome.

A 6^a das 17^{as} promoções da Universidade Guineense perfêlha o seu pensamento e as suas nobres virtudes. Com efeito, para a

juventude guineense, a JRA, Cabral não foi
somente o iluminador do caminho para a inde-
pendência, mas um leader de uma geração
excepcional cujo valor exemplar mostra, ainda
hoje, a todas as jovens gerações do continente
africano a difícil e indispensável via do ver-
dadeiro "retorno à história".

E é por isso que a Universidade guineense
dedicou-lhe nos dias 18, 19 e 20 de Janeiro de
1974 — veladas de armas (vigílias?) — sendo
a de 20 de Janeiro presidida pelo camarada
Aristides Pereira e alguns membros do Conselho
Superior da luta do PAIGC.

10 anos depois do desaparecimento
físico de Amílcar Cabral, da voz ~~espalhante~~ ^{espalhante} e
eloprente, como em todas as tribunas do mundo,
do brilho de uma inteligência refinada e culti-
vada que ele soube pôr ao serviço dos povos
oprimidos do nosso século, hoje, com os jovens
Estados da Guiné-Bissau e de Cabo Verde em
marcha para o progresso, afirmam-se mais
ainda os traços da sua obra, o que ele legou
aos seus continuadores e que lhe dá a envergadura
de um homem que o tempo não apaga.

Viva o PAIGC!

" O P A I !